





Vamos ver se alguma distribuidora passa Bowling for Columbine em grande escala nos cinemas e se seu próximo filme, *Fahrenheit 9/11*, sobre as ligações entre a família Bush e Osama Bin Laden é exibido na Globo. Isso sim, seria democracia.”

Há quinze meses, o texto acima era apenas uma previsão maluca de SET ou um apelo para não deixarem Michael Moore, um documentarista popstar, passar despercebido pelos cinemas. Quanta inocência. Se *Tiros em Columbine* não alcançou todas as salas de exibição do Brasil, *Fahrenheit 11 de Setembro* tem ambições muito maiores que ganhar um horário na maior rede de TV do país. O novo trabalho de Moore se tornou o filme de maior bilheteria do gênero (sem contar os lançamentos em IMAX), conquistou a Palma de Ouro no último Festival de Cannes e pode ser o primeiro longa-metragem da história a derrubar o presidente do país mais poderoso do planeta. E não estamos falando de ficção.

O ataque de Michael Moore às bases do governo de George W. Bush é tão organizado quanto uma ação militar. Assim que a rede de notícias Fox News – indo contra todas as outras televisões – anunciou a vitória de Bush na Flórida, em 2000, o alerta vermelho foi aceso no apartamento de Moore. Polêmico desde o primeiro documentário, *Roger & Eu* (sobre a perseguição em busca do presidente da General Motors, Roger Smith, que acabara de fechar fábricas em Flint, cidadezinha onde o cineasta nasceu), o liberal passou a dizer que os EUA estavam sofrendo um golpe de Estado. O assun-

to foi abordado no livro *Stupid White Men – Uma Nação de Idiotas*, que o levou à lista de mais vendidos. Meses depois, o documentário *Tiros em Columbine* jogou Michael Moore no palco do Kodak Theater para receber o Oscar. Foi nesse momento que *Fahrenheit 11 de Setembro* começou a tomar forma.

“Quentin Tarantino chegou para mim e disse ‘Eu acho que esse é o primeiro filme feito para justificar um discurso no Oscar’”, recorda Moore, em entrevista à *Entertainment Weekly*. Para quem não lembra, o documentarista recebeu o prêmio na semana em que os Estados Unidos invadiram o Iraque. “Gostamos da realidade, porque vivemos tempos fictícios, com eleições fictícias e um presidente fictício.

Quentin Tarantino disse que *Fahrenheit 11 de Setembro* é o primeiro filme feito para justificar um discurso no Oscar

Estamos lutando uma guerra por razões fictícias. Que vergonha, senhor Bush, que vergonha!”, conclamou, em meio a vaias e aplausos dos astros hollywoodianos. Apesar de passar os meses seguintes “sem poder andar na rua sem sofrer algum abuso ou ameaça de violência física”, o cineasta conseguiu o financiamento para *Fahrenheit 11 de Setembro*, viu *Tiros em Columbine* receber uma inje-



Confrontos: (1) Moore encara um congressista, perguntando se ele não quer mandar o filho para a guerra; (2) sendo parado pelo serviço secreto na frente da embaixada saudita; (3) na cozinha de Lila Lipscomp, uma moradora de Flint



ção de 110 por cento nas bilheterias, teve seu livro de volta ao topo da lista do *New York Times* e tornou-se uma figura de apelo mundial.

O FIM DE MOORE?

“Há algum tempo, detonei Bush no palco do Oscar. Diria que não era a coisa mais popular para se fazer. Concorde?”, questiona Moore em entrevista coletiva para a imprensa mundial, em Nova York. “Aquilo foi um risco tremendo e mais de um jornal escreveu que ‘seria a última vez que precisaríamos ouvir algo vindo de Michael Moore. É o fim de sua carreira’. Isso aconteceu apenas há quinze meses! Foram anos para descobrirmos a verdade sobre o Vietnã, mas levamos apenas alguns meses no caso do Iraque.” A “verdade” exigida pelo diretor é o tema do livro *Cara, Cadê Meu País?*, cuja transposição visual virou seu novo filme. *Fahrenheit 11 de Setembro* não é sobre os ataques ao World Trade Center, mas as consequências disso. Não questiona a presença americana no Afeganistão, mas as resoluções autoritárias de um governo que lucra com a guerra. Não duvida da natureza maligna de Saddam Hussein, mas investiga as verdadeiras razões da invasão ao Iraque. Acima de tudo, o longa duvida da legitimidade de Bush e de sua própria capaci-



FATO OU FICÇÃO?
Fahrenheit 11 de Setembro apresenta questões que podem ser rebatidas pelos republicanos. Chegue a sua própria conclusão.

ARABES VOADORES
ACUSAÇÃO: O filme implica em pelo menos seis jatos particulares e doze aviões comerciais terem deixado os EUA com 142 sauditas, incluindo 24 membros da família Bin Laden. Moore deixa no ar a impressão de que isso aconteceu durante o período em que o espaço aéreo ficou fechado nos dias seguintes ao atentado. Além disso, os passageiros não teriam sido investigados.
DEFESA: De acordo com a investigação da Comissão do 11 de Setembro, os vôos foram feitos depois da reabertura dos aeroportos. O próprio Richard Clarke, responsável pelo contraterrorismo americano, teria liberado os sauditas, com a alegação de que eles poderiam sofrer ataques étnicos. A comissão também atesta que pelo menos trinta dos viajantes foram investigados com detalhes.

VIVA OS TALIBÃS
ACUSAÇÃO: Moore diz em seu filme que a vontade de construir um gasoduto do Turcomenistão, passando pelo Afeganistão e parando no Paquistão, fez Bush assumir uma postura amigável em relação aos talibãs.
DEFESA: O gasoduto foi concebido inteiramente na gestão de Bill Clinton e deixado de lado. Os talibãs visitaram Houston em 1997, mas não há provas de que tenham encontrado o atual presidente.

O RABO PRESO DE BUSH
ACUSAÇÃO: Cerca de 1,4 bilhão teria sido investido pelos sauditas em empresas ligadas à família Bush ou a amigos. Um deles, James Bath, responsável pelo controle dos dólares de um parente de Bin Laden, teria investido 50 mil dólares na primeira campanha de George W. Bush.
DEFESA: 1,18 bilhão foi dirigido a BDM, uma empresa especializada em defesa e propriedade da Carlyle, que teve George pai como membro da diretoria. A grana foi para

garantir o treinamento do exército saudita, mas isso aconteceu quando Bush filho ainda não estava entre os diretores. Isso só ocorreu meses depois da Carlyle vender a BDM. Em relação aos negócios com James Bath, o próprio executivo alega que todo o dinheiro foi um investimento pessoal. O desastre de Bush como homem de negócios foi amplamente usado pelos democratas nas campanhas.

ACORDA, PRESIDENTE!
ACUSAÇÃO: Quando o segundo avião explode contra a torre do World Trade Center, o país entra em guerra. Bush, nesse momento, está numa escola na Flórida, ouvindo uma garotinha narrar uma história. Um assessor cochicha em seu ouvido: "A América está sob ataque". Sete minutos se passam e Bush não tem uma reação a não ser ficar estático.
DEFESA: O presidente precisa manter a calma na frente das crianças e mostrar ao povo como reagir com frieza nos piores momentos.

dade.
 Transformar um presidente em astro de uma cômica tragédia não poderia chegar aos cinemas navegando em águas mansas. Depois de um ano relativamente tranquilo, arranjando argumentos, documentos e imagens para editar o documentário, Moore soube que a Disney teria vetado a distribuição do longa. A mesma empresa que deu 6 milhões de dólares – por meio de sua subsidiária, a Miramax – agora não queria lançar a obra. Harvey Weinstein, presidente da Miramax, e Moore fizeram a história vir à tona, jogando a responsabilidade nos ombros da Disney, cujos argumentos eram francos: a empresa, cuja sede e principais parques temáticos residem na Flórida, não queria perder os incentivos fiscais ao aborrecer o governador do Estado, simplesmente Jeb Bush, irmão de George. "Por quase um ano essa encrenca tem sido uma lição que mostra o quão é difícil criar uma obra de arte que pode irritar alguém no comando", relatou Moore em uma carta aberta.

LUCRO CERTO
 O embargo dos pais do Mickey continuou, mesmo com a força da opinião pública. O que poderia ser feito para salvar *Fahrenheit 11 de Setembro* virou o grande assunto na Miramax. Os Weinstein sabiam do potencial lucrativo do documentário e que a obra perderia sua força se saísse depois das eleições americanas, marcadas para novembro. Sem conhecer o destino de sua criação, Michael Moore embarcou para a França, onde participou da mostra competitiva do Festival de Cannes. E, assim como fizeram na ONU, os franceses trataram de dar uma bela dor de cabeça ao presidente americano: *Fahrenheit 11 de Setembro* foi exibido, recebeu uma ovação de vinte minutos e ainda saiu com a Palma de Ouro, prêmio máximo do festival de cinema mais importante do mundo. Não foi só. A vitória fez a Disney notar que não adiantaria nada segurar seu filho bastardo. "Depois de se recusar a distribuir o filme, a Disney estava tendo dificuldades nas negociações, porque eles não queriam perder o dinheiro que a produção iria fazer. Então Miramax e Disney entraram >>

SET 23



num acordo”, fala Moore. Os Weinstein devolveram tudo o que a companhia-mãe pagou (possivelmente com altos juros), compraram os direitos de distribuição e repassaram para uma fusão inédita de duas empresas independentes, Lions Gate Films (*Dogma*) e IFC (dona do canal Bravo), apelidada de Fellowship. “Qual a responsabilidade do presidente da companhia que perde a oportunidade de ganhar centenas de milhões de dólares?”

O entusiasmo de Michael Moore tem razão de existir. No fim de semana de estréia, *Fahrenheit 11 de Setembro* tornou-se o primeiro documentário a alcançar a lideran-

ça das bilheterias norte-americanas, com 23 milhões de dólares em caixa – para se ter idéia, *Tiros em Columbine*, dono do antigo recorde, rendeu 21 milhões em toda a carreira. Durante o fechamento desta matéria, faltavam apenas 5 milhões para cruzar a marca dos 100 milhões de dólares, algo que até arrasa-quarteirões repletos de Tom Cruises e Brad Pitts costumam suar para ultrapassar. E olhe que elevaram a censura, deixando os adolescentes sem acesso às salas, mesmo sabendo que o filme não tem nenhuma imagem mais chocante que as transmitidas nos noticiários. “Acho que os jovens deveriam ver esse filme.

É altamente irônico e hipócrita falar para adolescentes americanos que em alguns anos eles podem ir morrer ali, mas não podem ver isso na tela agora. Então, digo para os jovens entrarem sorratamente na sala e assistirem”, polemiza Moore.

IMAGENS FORTES

O garoto que burlou o sistema em algum multiplex da vida não deve ter se decepcionado. *Fahrenheit 11 de Setembro* começa mostrando imagens da comemoração de Al Gore, candidato liberal à presidência dos EUA em 2000. “Foi um sonho?”, pergunta Moore, em off. Redes de TV de todo o país apontavam o

vice-presidente de Bill Clinton como vencedor. Mas bastou a Fox News Channel anunciar “oficialmente” que George W. Bush era o real vencedor e o mundo ruiu atrás. O que poucos sabem é que o homem por trás da decisão, o consultor de eleições do canal de Rupert Murdoch, John Ellis, era primo de Bush – que já tinha se afastado da cobertura do jornal *Boston Globe* por causa de suas ligações com a família de um dos candidatos. “A mídia americana brincou de líder de torcida para Bush e realizou um grande desserviço ao povo americano. Não é minha culpa que a mídia mainstream não foi responsável e não fez seu traba-

EM ALGUM LUGAR DO PASSADO

Houve uma época em que Michael Moore não tinha Bush como astro principal. SET separa os trabalhos mais bacanas do gordocho.

ROGER E EU (1999)

Michael Moore persegue o presidente da General Motors, Roger Smith, questionando sobre a decisão de fechar onze fábricas em Flint, deixando 33 mil desempregados. Os momentos memoráveis: o cantor Pat Boone dizendo que os desempregados deveriam virar distribuidores da Amway (lembram?) e o discurso de Natal de Smith, enquanto pessoas iam para o olho da rua.

COMO CONSEGUIR: Lançado em DVD e vídeo há três meses pela Warner.

THE BIG ONE (1998)

Nesse documentário, uma equipe armada com uma

câmera acompanha Moore no seu tour para lançar o livro *Downsize This*. Nas cidades visitadas, o documentarista estuda os problemas dos trabalhadores e confronta os chefões sobre a transferência de mão-de-obra para os países do leste asiático. Phil Knight, da Nike, foi um dos poucos a receber a equipe do filme num encontro clássico.

COMO CONSEGUIR: Passou na TV a cabo e nunca saiu em vídeo no Brasil. O VHS pode ser encomendado pela www.amazon.com.

THE AWFUL TRUTH (1999-2000)

É chumbo grosso, nessa que é a segunda tentativa de Moore na TV – a primeira, *TV Nation*, não durou um ano. Cada episódio sempre traz dois quadros de 15 minutos sobre a natureza idiota do conservadorismo ou injusti-

ças irônicas, como a do estilista de alta-costura dizendo que os trabalhadores de uma fábrica de suéter adoram o emprego porque todos os amigos estão lá.

COMO CONSEGUIR: Importando a caixa com a temporada completa em DVD.

STUPID WHITE MEN – UMA NAÇÃO DE IDIOTAS (2002)

A eleição para presidente dos Estados Unidos em 2000 é completamente esmiuçada nesse ótimo livro.

Moore mostra que a eleição foi roubada, que urnas foram perdidas e leis foram quebradas para que grupos liberais não conseguissem votar.

COMO CONSEGUIR: Foi lançado no ano passado no Brasil pela editora W11.

TIROS EM COLUMBINE (2002)

No documentário que ganhou o Oscar 2003, o cineasta usa o genocídio na escola

em Columbine para perseguir as verdadeiras razões por trás de tragédias como essa, usando comédia, drama, entrevistas interessantes e até animação.

COMO CONSEGUIR: Disponível em DVD no Brasil.

CARA, CADÊ MEU PAÍS? (2003)

O livro traduz o surto paranoico que tomou conta dos EUA depois de 11 de setembro e como a Casa Branca aproveitou o fato para cercar os direitos básicos dos cidadãos. Ao mesmo tempo, investiga as relações entre Bush, Arábia Saudita e Osama Bin Laden sempre amparado por uma extensa bibliografia nas notas de rodapé.

COMO CONSEGUIR: Foi lançado este ano pela W11.